



30.º Aniversário do Lançamento da Primeira Pedra do Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos

Comemora-se no dia 15 de julho do corrente ano o 30.º Aniversário do **lançamento da primeira pedra** da construção do Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos (CGD), ocorrido em 1987.

Tomada de decisão

Data de finais de 1980 a deliberação do Conselho de Administração da CGD, constituído por Alberto Alves de Oliveira Pinto (Presidente), José Pires Lourenço (Vice-Presidente), José Nicolau Pires Correia, Raul da Silva Pereira, António de Sousa Ribeiro Moreira, José Alberto Vasconcelos Tavares Moreira, José Joaquim Fragoso e José João Ferreira Vaz de Mascarenhas (Vogais), de concentrar num único espaço os serviços da CGD, que estavam distribuídos por vinte e seis edifícios dispersos na cidade de Lisboa.

Pretendia-se, com este projeto, racionalizar a gestão dos serviços disponibilizados, em termos logísticos, financeiros e de recursos humanos.

A dispersão de serviços por vários edifícios resultou do progressivo aumento da atividade bancária e da variedade de serviços solicitados e disponibilizados pela CGD, tendo como consequência o surgimento de transtornos na otimização dos recursos humanos, dos custos associados e da qualidade de serviço prestado aos clientes, para além de uma imagem pouco favorável para a instituição.

Através do Ofício n.º 855/SCA, datado de 07 de julho de 1981, a Administração da CGD expôs ao Ministro das Finanças e do Plano, Ernâni Lopes, os motivos da pretensão, apresentando os resultados de diversos estudos preliminares que contemplavam a prospeção, a seleção e a análise de opções de aquisição de terrenos que se enquadrassem nas pretensões da instituição bancária, no que se referia a áreas disponíveis e a critérios de localização.

Confirmando a tendência manifestada durante a década de 1980, refletida na instalação de entidades bancárias, organismos públicos e empresas de grandes dimensões, na linha



rodoviária constituída pelo Marquês de Pombal, Av. Fontes Pereira de Melo e Av. da República, também a CGD incidiu a sua pesquisa nesta zona da cidade.

A seleção do local e do projeto

A escolha recaiu na área do Campo Pequeno, nos terrenos denominados por Quinta da Palmeira de Cima e Quinta da Palmeira de Baixo, os quais eram pertencentes à Companhia das Fábricas Cerâmicas Lusitânia, cuja atividade local já tinha cessado e encontrando-se o complexo fabril em avançado estado de ruína.

A fábrica situava-se na Rua do Arco do Cego, nos n.º 74 a 88C, possuindo uma área de 36.000m² e tendo como confrontações: a norte a Av. João XXI; a sul o Bairro Social do Arco do Cego; a nascente a Av. Marconi; a poente a Rua do Arco do Cego.

O desenvolvimento das negociações com a Companhia de Cerâmica Lusitânia, assim como as diligências efetuadas junto do Ministério das Finanças e do Plano e da Direcção-Geral do Património do Estado, consta do Despacho n.º 94/81 da CGD e está registado na Acta da Sessão de 13 de agosto de 1981 do Conselho de Administração.

De acordo com a Resolução n.º 185/81 (...) *a Caixa Geral de Depósitos solicitou ao Governo autorização para a aquisição do terreno, situado em Lisboa, na Avenida de João XXI e nas Ruas do Arco do Cego e do Bairro Social, destinado à construção de um complexo imobiliário que permita reunir num mesmo local os serviços centrais da instituição, actualmente dispersos por vários pontos da cidade (...)*¹, tendo o Governo, em Conselho de Ministros, reunido no dia 13 de agosto de 1981, e nos termos do artigo n.º 1 do Decreto-Lei n.º 74/80, de 15 de abril, autorizado a CGD a adquirir os terrenos afetos à Companhia de Cerâmica Lusitânia. Em 17 de agosto de 1981 foi celebrado o Contrato de Promessa de Compra e Venda, tendo sido realizada a Escritura no dia 26 desse mês.

Após a realização do concurso para apresentação de projetos para a construção do edifício, tendo como requisitos a incluir nas soluções arquitetónicas a representatividade, a habitabilidade, a flexibilidade, a segurança e a gestão, em 6 de maio de 1985 foi selecionado o projeto apresentado pelo consórcio constituído pela empresa Lusotecna, Consultores Técnicos Industriais e pelo gabinete do arquiteto Arsénio Raposo Cordeiro.

Refira-se que a CGD constituiu uma comissão de avaliação dos projetos a concurso, composta por: Eng.º Nuno Krus Abecasis (Câmara Municipal de Lisboa), Dr. João Palma Ferreira (Instituto Português do Património Cultural), Eng.º Jorge Carvalho de Mesquita (Conselho

¹ Publicado em *Diário da República*, N.º 189, I Série, de 19 de agosto de 1981.



Superior de Obras públicas), Prof. Pintor Ayres de Carvalho (Academia Nacional de Belas Artes), Eng.º José Teixeira Trigo (Laboratório Nacional de Engenharia Civil), Prof. Arq.º Augusto Pereira Brandão (Departamento de Arquitetura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa) e da Dr.ª Helena Vaz da Silva (Centro Nacional de Cultura).

Em Outubro de 1985, a CGD enviou para a Câmara Municipal de Lisboa o projeto de licenciamento para a construção do edifício sede, o qual foi aprovado pela edilidade em maio de 1986, tendo sido dado início aos trabalhos com a demolição dos edifícios da fábrica e respetivas infraestruturas.

Dos trabalhos de demolição ficou excluído o edifício onde anteriormente se localizava a sede da Fábrica, no qual, conforme proposto pelo Gabinete para as Novas Instalações dos Departamentos Centrais da Caixa - GNI (departamento ao qual competia assegurar o cumprimento das diversas fases de execução do projeto, centralizando a coordenação e acompanhamento dos trabalhos²), funcionaram provisoriamente os serviços afetos à obra (a fiscalização da CGD, a empresa Lusotecna e o atelier do Arq. Arsénio Cordeiro).

Na sequência das demolições, foram iniciados os trabalhos de movimentações de terras e construção de muros de suporte, nomeadamente no lado nascente (atual Rua Cidade de Bucareste) e lado norte (Av. João XXI).

A cerimónia

O início dos trabalhos de construção do Edifício Sede da CGD foi, simbolicamente, assinalado em 15 de julho de 1987 através do **lançamento da primeira pedra**.

Na cerimónia estiveram presentes os membros do Conselho de Administração: Alberto Alves de Oliveira Pinto (Presidente), José Pires Lourenço (Vice-Presidente), José Nicolau Pires Correia, Rui Jorge Martins dos Santos, Fernando Gomes do Carmo, Carlos Alberto de Oliveira Cruz, Álvaro João Duarte Pinto Correia, Amílcar Junqueira Martins (Vogais), assim como técnicos do GNI e representantes do consórcio responsável pelo projeto vencedor.

A cerimónia contemplou a colocação nas fundações do edifício, no eixo vertical do átrio central, de um sarcófago em pedra contendo um documento, em pergaminho, e diversas moedas datadas de 1987.

O documento, enquanto apontamento histórico para memória futura, disponibiliza informação sobre o processo que conduziu à conceção do projeto, indicando os motivos que estiveram na

² Despacho da Administração da CGD, n.º 134/81, de 10 de novembro de 1981.



base do planeamento: (...) para que nele venham a ser concentrados os Departamentos Centrais da Caixa Geral de Depósitos, dispersos por vários edifícios na cidade de Lisboa, assim como os pressupostos que presidiram à sua realização, nomeadamente (...) características específicas e obedecendo a imperativos de natureza programática e urbanística, a sua concepção tem em conta a representatividade inerente ao peso histórico da Instituição e à posição que a mesma ocupa no sistema financeiro português, bem como a intervenção marcante e adequada inserção.

Após a leitura do documento pelo Administrador Geral e Presidente do Conselho de Administração, Alberto Alves de Oliveira Pinto, o sarcófago de pedra foi selado e colocado nas fundações, oficializando-se simbolicamente o início dos trabalhos de construção do complexo da sede social da CGD.

A instalação dos serviços no edifício ocorreria em 1993...

Joaquim Pombo Gonçalves

Gabinete de Património Histórico da Caixa Geral de Depósitos

Julho de 2017



GALERIA DE FOTOS



Figura 1 – Sede da Companhia das Fábricas de Cerâmica Lusitânia



Figura 2 – Fachada da fábrica de cerâmica: painel de azulejos alusivos à olaria



Figura 3 – Complexo da Fábrica Cerâmica Lusitânia

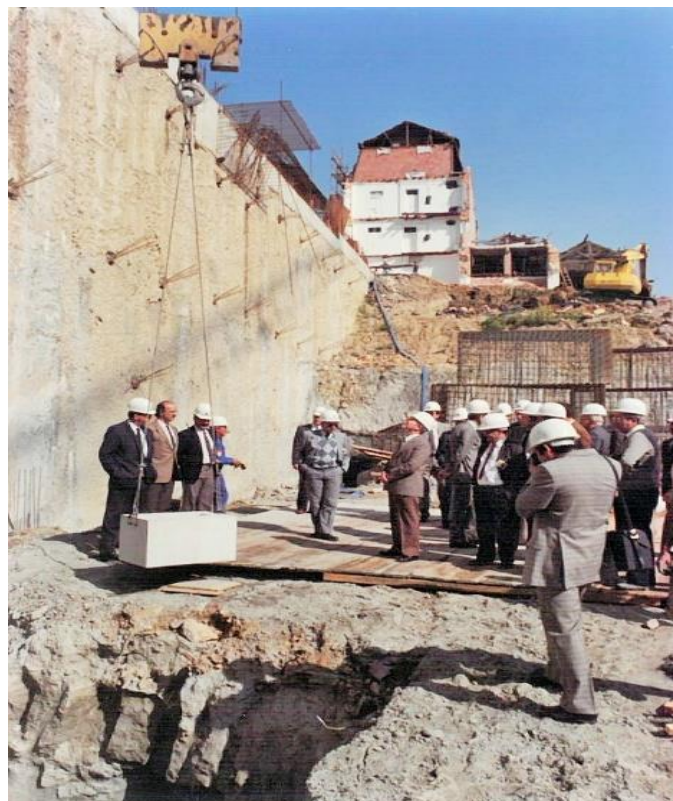


Figura 4 – Lançamento da 1.^a pedra: o sarcófago



Figura 5 – Lançamento da 1.^a pedra: leitura do documento



Figura 6 – Lançamento da 1.^a pedra: colocação do documento



Figura 7 – Lançamento da 1.^a pedra: selagem do sarcófago